



01 a 04 de
OUTUBRO
EVENTO GRATUITO

IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

REVISITANDO O CÂNONE LITERÁRIO: INTERCULTURALIDADE NO TEXTO LITERÁRIO SOB O VIÉS DA ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA

*REVISITING THE LITERARY CANON: INTERCULTURALITY IN THE LITERARY
TEXT FROM THE PERSPECTIVE OF ECOSYSTEMIC DISCOURSE ANALYSIS*

Mayara Macedo Assis (UFG/CAPES)¹

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/CNPQ)²

Resumo: Em um mundo cada vez mais globalizado e diverso, é importante pensar nas interações entre as culturas, inclusive em contexto educacional, para um convívio mais harmonioso. A interculturalidade é o diálogo entre diferentes culturas que pressupõe intercâmbio e enriquecimento mútuo, estabelecendo o respeito e entendimento entre elas. Alinha-se aos pressupostos teóricos da Análise do Discurso Ecológico (ADE) – disciplina linguística que tem suas bases na Ecologia – e contribui para uma nova forma de se estudar o texto literário em sala de aula. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é propor uma leitura intercultural do cânone literário, sob o viés da ADE, utilizando-se como *corpus* o conto *Um homem célebre*, de Machado de Assis. Adota-se o método da focalização, próprio da ecometodologia, no qual a análise é focada nas interações ficcionais que ocorrem na narrativa. Recorre-se ao conceito de ecossistema cultural e interculturalidade, aliados às reflexões sobre a Literatura enquanto direito humano, para entender como esses elementos contribuem para o processo de humanização proporcionado pela leitura literária. A análise do conto mostra que o conflito do protagonista entre a música popular e clássica é na verdade um reflexo da tensão entre nacional e estrangeiro, que poderia ser amenizado por meio de uma relação intercultural. Os resultados da análise apontam que a interculturalidade, aliada à ADE, pode oferecer novos caminhos para a compreensão do texto literário e seu papel no estudo da linguagem e da sociedade.

Palavras-chave: Análise do Discurso Ecológico. Interculturalidade. Texto literário.

Abstract: In an increasingly globalized and diverse world, it is important to consider the interactions between cultures, including in educational contexts, to promote more harmonious coexistence. Interculturality is the dialogue between different cultures, which presupposes mutual exchange and enrichment, establishing respect and understanding among them. It aligns with the theoretical principles of Ecosystemic Discourse Analysis (EDA) – a linguistic discipline based on Ecology – and contributes to a new way of studying literary texts in the classroom. Thus, the objective of this study is to propose an intercultural reading of the literary canon, from the perspective of EDA, using Machado de Assis' short story *Um homem*

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL) da Universidade Federal de Goiás (UFG), com atuação na área de Ecolinguística e Análise do Discurso Ecológico.

² Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Católica de São Paulo (PUC-SP), atual professora Associada da UFG e vinculada ao PPGLL, com pesquisas na área de Análise do Discurso Ecológico e Antropologia do Imaginário.



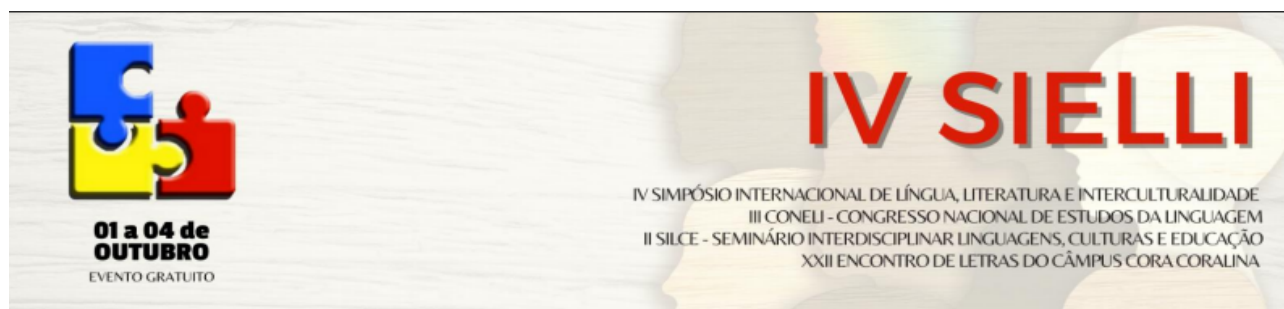
célebre as the corpus. The focalization method, specific to ecomethodology, is adopted, in which the analysis focuses on the fictional interactions within the narrative. The concept of cultural ecosystem and interculturality is drawn upon, along with reflections on Literature as a human right, to understand how these elements contribute to the process of humanization facilitated by literary reading. The analysis of the story shows that the protagonist's conflict between popular and classical music is, in fact, a reflection of the tension between the national and the foreign, which could be alleviated through an intercultural relationship. The results of the analysis suggest that interculturality, combined with EDA, can offer new approaches to understanding literary texts and their role in the study of language and society.

Keywords: Ecosystemic Discourse Analysis. Interculturality. Literary text.

INTRODUÇÃO

Em um mundo cada vez mais globalizado e marcado pela diversidade cultural, é necessário repensar as interações entre diferentes culturas, especialmente no contexto educacional. Ao incorporar perspectivas interculturais, a educação não apenas deve promover o respeito às diferenças e o convívio harmonioso entre diversas culturas, mas também valorizar o intercâmbio e o enriquecimento mútuo entre elas. A interculturalidade, nesse sentido, transcende o simples reconhecimento da diversidade e propõe o diálogo entre elas. No estudo do texto literário, esse conceito ganha especial relevância, oferecendo novas possibilidades para a leitura e a análise de obras canônicas que, muitas vezes, são lidas de maneira isolada e desvinculada de seus contextos culturais, seguindo uma interpretação também canonizada.

A literatura, além de ser uma manifestação linguística e expressão artística, é também um produto cultural, desempenhando um papel fundamental na formação da identidade cultural e no processo de humanização dos leitores. Ao refletir sobre a literatura como direito humano, compreende-se que o ato de ler e interpretar textos literários pode ser uma ferramenta para ampliar horizontes e promover novas visões de mundo. Para isso, é necessário que as obras literárias sejam abordadas de maneira abrangente, contemplando as relações interculturais, de modo que a Análise do Discurso Ecológico (ADE) surge como uma proposta teórica inovadora. Ao integrar pressupostos da Ecologia com o estudo da linguagem, mais especificamente do discurso, a ADE propõe uma abordagem holística ao estudo dos textos, aliada a uma visão ecológica de mundo.



Tendo essas considerações em mente, o objetivo deste trabalho é revisitar o cânone literário brasileiro, mais especificamente o conto *Um homem célebre*, de Machado de Assis, a partir dos pressupostos teóricos da ADE, a fim de explorar como a interculturalidade pode lançar novas luzes sobre sua interpretação. A narrativa de Machado de Assis, conhecida por sua sutileza e profundidade ao tratar de questões sociais e culturais do Brasil do século XIX, oferece um terreno fértil para o estudo de questões interculturais.

Em *Um homem célebre*, o protagonista vive um conflito entre sua identidade como compositor de polcas populares e sua aspiração de ser reconhecido como autor de obras de música clássica, o que transcende o nível do indivíduo e representa uma tensão mais ampla entre o nacional e o estrangeiro. Essa narrativa pode ser lida, sob o viés da interculturalidade e da ADE, como um reflexo das interações entre culturas locais e globais, que pode ser mediado de maneira mais harmoniosa. A partir das discussões, pode-se pensar em novas abordagens para a leitura do texto literário em sala de aula, considerando o diálogo entre culturas e uma visão mais ampla da sociedade.

Para além desta introdução, o artigo está organizado em mais duas seções. Na seção 2, abordam-se os pressupostos teóricos da ADE e algumas concepções acerca da literatura enquanto direito, bem como a relação entre o ecossistema cultural e o conceito de interculturalidade. Em sequência, é apresentada a análise em si do conto literário escolhido, na qual os conceitos teóricos são mobilizados a partir dos elementos linguísticos do próprio texto. Na seção 3, são tecidas as considerações finais, retomando as discussões propostas, seguidas das referências utilizadas no trabalho.

REVISITANDO O CÂNONE LITERÁRIO

Nesta seção, apresentam-se os princípios teóricos da ADE que embasam a discussão e análise, bem como algumas reflexões sobre a literatura enquanto direito e sua relação com o cânone literário, a interculturalidade e o ecossistema cultural. Recorre-se a autores como Couto e Fernandes (2021), Cosson (2009), Couto (2018), Candido (1995) e Kramsch (2017), dentre outros, para as



considerações teóricas. Em seguida, apresenta-se a análise do conto *Um homem célebre*, na qual os sentidos da narrativa vão sendo desvendados por meio dos próprios elementos linguísticos do texto.

ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA E LITERATURA ENQUANTO DIREITO

A Análise do Discurso Ecológico (ADE) é uma disciplina que parte da Ecologia, compartilhando muitos conceitos com a Ecolinguística (Couto, 2007), mas se dedicando especificamente ao estudo do texto-discurso (Couto; Fernandes, 2021). Essa articulação entre Ecologia e Linguística constrói uma perspectiva ecológica para o estudo da linguagem e do discurso a partir do conceito de ecossistema e da visão ecológica de mundo (VEM).

O termo ecossistema não é utilizado como metáfora, mas sim no seu sentido literal. Enquanto um ecossistema biológico é constituído por uma população de organismos (P) vivendo em determinado habitat (T) e interagindo entre si (I), um ecossistema linguístico é composto por uma população (P) em determinado território (T) interagindo entre si através da língua (L). O I de interação dá lugar ao L de língua porque língua é a própria interação. Deve-se considerar o ecossistema em suas três dimensões – natural, mental e social – que juntas constituem o ecossistema integral da língua (Couto, 2015).

O objetivo da ADE é analisar e compreender como os discursos emergem dos ecossistemas linguísticos e os sentidos são construídos (Couto; Fernandes, 2021), considerando-se o discurso como “a relação entre os modos de ver/interpretar o mundo (perspectivas) em dado ecossistema linguístico e como se pode interagir comunicativamente/agir a partir deles” (Silva, 2022, p. 19). Ou seja, trata-se de uma visão de mundo e um modo de conduta, priorizando a ideologia da vida e uma visão ecocêntrica do mundo.

Algumas categorias de análise que se fazem relevantes para a discussão aqui proposta são a diversidade, a porosidade e a adaptação (Couto, 2013). A diversidade é tida como essencial para o ecossistema biológico, visto que um ecossistema se torna mais resistente quanto mais espécies tiver. O mesmo princípio se aplica à cultura e à língua: quanto mais diverso, mais rico o ecossistema. Já a porosidade diz respeito às trocas entre os ecossistemas, visto que suas fronteiras nem sempre são



bem delimitadas, permitindo um fluxo de informações entre eles. Por fim, a adaptação consiste na capacidade de se ajustar e mudar para se integrar ao meio.

É a partir dessa fundamentação teórica que se propõe aqui uma reflexão acerca da literatura enquanto não apenas uma disciplina dos currículos escolares e acadêmicos, mas também um direito humano. Antes de tudo, é necessário pensar o lugar ocupado pela literatura na sociedade e a sua função. A literatura é capaz de representar e/ou recriar a realidade, dando forma e extensão a uma experiência e atribuindo sentido a ações humanas. Cosson (2009) afirma que ela proporciona uma experiência de alteridade, pois permite viver a experiência de outrem, conhecer valores e sociedades diferentes e entrar em contato com diferentes mundos e saberes. Trata-se, dessa forma, de um terreno fecundo para se estudar e promover a interculturalidade.

A literatura é também um direito humano, na medida em que se divide os bens entre compressíveis e incompressíveis (Candido, 1995). Bens incompressíveis são aqueles que não podem ser negados a ninguém, tais como alimento, moradia e vestuário, dentre outros. Já os bens compressíveis podem ser dispensáveis, como cosméticos e acessórios, por exemplo. Entretanto, “são bens incompressíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual” (Candido, 1995, p. 174). Dessa forma, entende-se que a literatura – bem como a arte como um todo – é um bem incompressível, pois contém em si um potencial humanizador e deve ter seu acesso garantido a todos, função que, na nossa sociedade, é atribuída à escola.

O potencial humanizador se refere ao “exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor” (Candido, 1995, p. 180). A literatura é um direito que corresponde a uma necessidade humana e assegurar esse direito é agir de acordo com uma visão ecológica de mundo, em prol da defesa da vida e da manutenção do equilíbrio, conforme postula a ADE.

Entretanto, muitas vezes o trabalho com o texto literário em sala de aula se restringe ao cânone, que é um conjunto de obras consideradas representativas de uma cultura ou um povo em determinado período histórico e em determinado movimento literário. É atribuído a ele um valor



estético, cultural e linguístico que dificilmente é contestado, sendo respaldado por críticos, escritores e autoridades na área. Para Reis (1992), esse não questionamento evidencia os mecanismos de poder de uma sociedade.

Casanova (2002) corrobora esse pensamento, afirmando que a delimitação do cânone perpetua a crença de que existem línguas, obras e autores que possuem mais valor do que outros, o que consequentemente se estende às culturas. Por mais que se pautem nas concepções pré-estabelecidas do que é valoroso ou não, é preciso também redefinir essas concepções e desconstruí-las quando necessário. Dessa forma, é importante reconhecer o valor literário do cânone, mas ao mesmo tempo ressignificar os seus sentidos, visto que a sociedade está em constante mudança e “aceitar a existência do cânone como herança que precisa ser trabalhada não implica prender-se ao passado em uma atitude sacralizadora das obras literárias” (Cosson, 2009, p. 34).

Não se questiona aqui a legitimidade do cânone, mas sim as leituras canônicas, ou seja, interpretações já consolidadas sobre a obra que normalmente são impostas aos alunos. É possível oferecer uma perspectiva diferente através, por exemplo, das contribuições da ADE e da interculturalidade.

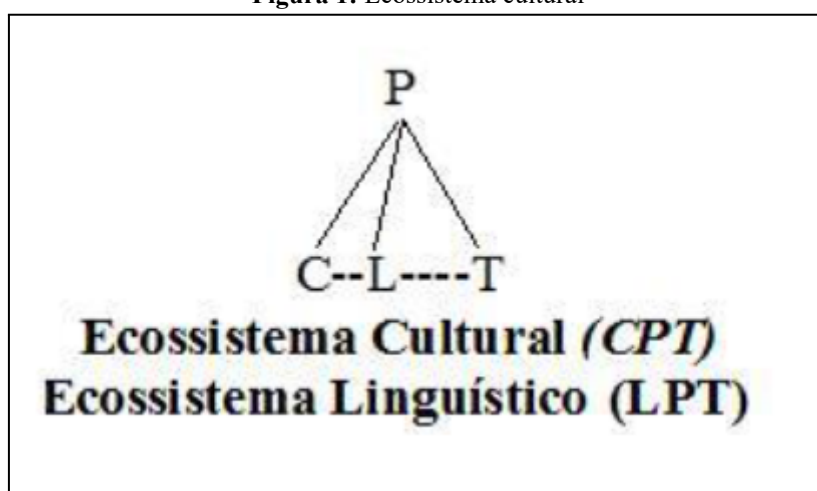
ECOSSISTEMA CULTURAL E INTERCULTURALIDADE

Antes de adentrar no conceito de interculturalidade e ecossistema cultural, é preciso ressaltar a indissociabilidade entre língua, literatura e cultura: a literatura é, antes de qualquer coisa, linguagem, e a linguagem é parte essencial da cultura de um povo. De modo geral, cultura é o modo de vida e de comportamento de determinado grupo social (Cuche, 1999), caracterizado por normas, valores e costumes particulares. Nenhum hábito cultural é estanque, mas sim construído e reconstruído na interação (Ruiz, 2017). Como os contextos de interação são plurais, as manifestações da cultura são igualmente plurais.

Para a ADE, a definição de cultura também considera a importância da interação e leva em conta ainda os constituintes do ecossistema. Na figura abaixo, tem-se simultaneamente o

ecossistema cultural e o ecossistema linguístico. Ambos compartilham o mesmo povo (P) e território (T), entretanto, a cultura (L) abrange a língua (L). Ou seja, o ecossistema cultural é mais amplo do que o linguístico, pois a língua faz parte da cultura e grande parte da cultura é de natureza linguística (Couto, 2018).

Figura 1: Ecossistema cultural



Fonte: Couto (2018)

Da mesma forma que não existe língua superior à outra e a diversidade é bem-vinda para enriquecer o ecossistema, assim também deve ser visto o ecossistema cultural, ou seja, nenhuma cultura deveria ser tratada como modelo ou como melhor. Por isso a importância da interculturalidade, do relacionamento harmonioso entre culturas, promovendo aquisição de habilidades, adaptação cultural, superação do etnocentrismo e desenvolvimento da valorização e do respeito pelas diferenças (Casal, 2003).

A interculturalidade não pressupõe uma mera justaposição entre culturas diferentes, mas sim diálogo e intercâmbio entre elas. Trata-se de uma posição intermediária, o estabelecimento de uma ponte para que duas ou mais culturas possam se entrelaçar e estabelecer um relacionamento (Weissman, 2018), se incrementando reciprocamente. Considerando-se a cultura como um ecossistema, a interculturalidade é basicamente uma troca entre ecossistemas, visto que eles são



caracterizados pela porosidade, que permite fluxo de energia e troca de informações entre eles (Couto, 2013).

Visto que a literatura é, para muitos, a principal forma de contato com visões de mundo e sociedades diferentes, torna-se necessário pensar sobre a interculturalidade no texto literário, de modo que esse viés possa contribuir para a sua leitura e para o processo de ensino e aprendizagem.

ANÁLISE DO CONTO *UM HOMEM CÉLEBRE*, DE MACHADO DE ASSIS

Antes de adentrar na análise em si, ressalta-se a ADE adota a ecometodologia – caracterizada por ser multidisciplinar e multimetodológica – que emprega o método da focalização, no qual se foca em determinado aspecto do ecossistema linguístico, sem perder de vista o ecossistema integral. Conforme já exposto, para a ADE, a língua é a própria interação. No caso do texto literário, é preciso considerar que existem diversos níveis de interação envolvidos – do autor e editor no momento de produção da obra, do autor e leitor no momento de recepção, do narrador com os personagens na narrativa em si, dos personagens entre eles mesmos etc. – mas que é necessário enfatizar uma delas de acordo com o objetivo do trabalho.

Cabe ainda ressaltar que o próprio processo de ensino e aprendizagem exige o uso da focalização, visto que, em sala de aula, não é possível abordar absolutamente todos os aspectos de um texto literário – é preciso condensar os principais aspectos de interesse de acordo com o objetivo da aula. Dessa forma, aqui a ênfase é dada nas interações ficcionais, ou seja, que acontecem na narrativa em si.

Uma narrativa é constituída por redes de interações no seu interior, sendo elas nos níveis: (1) natural – marcação temporal e espacial, (2) mental – metáforas e símbolos – e (3) social – personagens e narradores com visões de mundo, conflitos e vivências. São essas interações que criam os efeitos de sentido na narrativa. Assim, consideram-se aqui as interações entre personagens e espaço e entre personagens entre si. Além disso, em toda narrativa há a representação figurativa de um ecossistema, constituído pelos elementos interactantes, tempo e espaço. É a partir dessas considerações que a análise aqui apresentada é construída.



Um homem célebre foi publicado pela primeira vez no jornal A estação, em 1883. Desde então, fez parte de diversas antologias do autor. O conto aborda os dilemas de Pestana, um músico que alcança fama e sucesso compondo polcas populares. Apesar de sua aclamação pública, Pestana se sente insatisfeito, pois sua ambição é compor música clássica – que ele considera de maior notoriedade –, empreendimento no qual ele não obtém êxito apesar das tentativas. Já no título, *Um homem célebre*, é possível perceber essa contradição. Segundo o dicionário Priberam, *célebre* é um adjetivo que designa aquele que tem grande fama, que se distingue pelas suas qualidades ou seus feitos. O uso do artigo indefinido *um*, por sua vez, dá a ideia justamente oposta, que se trata de um homem qualquer.

No que diz respeito aos personagens da história, a figura central do conto é o pianista/compositor Pestana. Todas as interações que ocorrem – seja com o espaço, com o narrador ou com outros personagens – partem sempre da figura dele. Outros personagens que aparecem, tais como Sinhazinha Mota, o editor e Maria, apenas reforçam os conflitos internos do personagem, conforme será mostrado. Já no quesito espaço e tempo da narrativa, o enredo se desenvolve no Rio de Janeiro, mas a maior parte da história se concentra na casa do protagonista. O ano é 1875, período de intensa migração governado por Dom Pedro II, o que pode ser considerado uma influência para a intensa valorização da cultura europeia que se percebe no conto.

O conto tem início com o encontro entre Pestana e Sinhazinha Mota em um sarau. Pestana se sente *vexado e aborrecido* por ser reconhecido pela moça e solicitado a tocar algumas músicas. O diminutivo atribuído à Sinhazinha pode ser um indicativo de delicadeza, bem como de indiferença (Bechara, 2009), visto que a personagem apenas reforça o desgosto de Pestana pela música popular e não tem um arco de desenvolvimento no enredo.

Ao se retirar do sarau, no qual toca sem entusiasmo, a mudança de ambiente não alivia o seu desassossego e sua música ainda o atormenta na rua, conforme se evidencia no fragmento:

Caminhou depressa, com medo de que ainda o chamassem; só afrouxou, depois que dobrou a esquina da Rua Formosa. Mas aí mesmo esperava-o a sua grande polca festiva. De uma casa modesta, à diretita, a poucos metros de distância, saíram as notas da composição do dia, sopradas em clarineta. Dançava-se. Pestana parou alguns instantes, pensou em arrepiar caminho, mas dispôs-se a andar, estugou o passo, atravessou a rua, e seguiu pelo lado



oposto ao da casa do baile. As notas foram perdendo-se, ao longe, e o nosso homem entrou na Rua do Aterrado, onde morava (Assis, 2007, p. 391).

Segundo Borges Filho (2007), o espaço é um constructo que pode adquirir diversas funções dentro do enredo, tais como caracterizar as personagens, impulsionar a ação e representar ou contrastar os sentimentos vividos pelos personagens. Isso se torna evidente no trecho em questão, em que as ruas assumem um sentido na narrativa: a atitude de Pestana de atravessar a rua para caminhar no lado oposto de onde vem a música atesta a sua vontade de se distanciar, mas tal distanciamento não de fato o impede de ouvir a melodia e não cessa a sua insatisfação. Além disso, o nome das ruas contrasta com os seus sentimentos: o adjetivo *formosa*, em Rua Formosa, remete a algo gracioso e encantador, local do qual ele deseja se afastar; já *aterrado*, em Rua do Aterrado, remete a inquietação e amedrontamento, lugar no qual ele prefere ficar, pois suas composições o perturbam mais ainda do que os sentimentos despertados pela Rua do Aterrado. Ao chegar a sua casa, segue-se a seguinte descrição:

Em casa, respirou. Casa velha. Escada velha [...] Pestana sorriu e, dentro d'alma, cumprimentou uns dez retratos que pendiam da parede. Um só era a óleo, o de um padre, que o educara, que lhe ensinara latim e música, e que, segundo os ociosos, era o próprio pai de Pestana. Certo é que lhe deixou em herança aquela casa velha, e os velhos trastes, ainda do tempo de Pedro I. Compusera alguns motetes o padre, era doudo por música, sacra ou profana, cujo gosto incutiu no moço, ou também lhe transmitiu no sangue, se é que tinham razão as bocas vadias, cousa de que não se ocupa a minha história, como ides ver. Os demais retratos eram de compositores clássicos, Cimarosa, Mozart, Beethoven, Gluck, Bach, Schumann, e ainda uns três, alguns, gravados, outros litografados, todos mal encaixilhados e de diferente tamanho, mas postos ali como santos de uma igreja. O piano era o altar; o evangelho da noite lá estava aberto: era uma sonata de Beethoven (Assis, 2007, p. 391).

A casa, para Chevalier e Gheerbrant (2001), simboliza o ser interior e seus estados de espírito, o que é exatamente o que se percebe aqui, uma consonância entre a condição de Pestana e seu espaço natural. Pestana sente-se confortável diante do velho e tudo na sua casa, desde a *escada velha* até o *altar*, remete a algo antigo e solene. É uma casa que cultua os clássicos e o reverente. O fato dos quadros dos compositores – todos eles europeus do século XVIII – ocuparem o mesmo espaço do retrato do padre que o educou evidenciam que os compositores eram tratados por ele como entidades religiosas dignas de respeito e adoração. Além disso, a religião católica era muito



influyente no período em que o conto se passa, logo, essa equiparação dos músicos a divindades poderia ser visto como algo até mesmo profano, fator com o qual Pestana não parece se preocupar.

Rodeado pelo velho, o protagonista executava as sonatas clássicas *desvairado ou absorto, com grande perfeição, com a alma alhures*. Seu estado de espírito ao de dedicar aos clássicos deixava-o absorvido e levava-o ao êxtase. Trata-se não apenas de uma preferência individual do protagonista, mas de um sintoma da valorização do clássico e do estrangeiro em detrimento do nacional.

Ao tentar composições autorais inspiradas nos clássicos, Pestana sente-se derrotado. Quando pensava ser acometido pela inspiração, logo a ideia escapava dele. Quando deixava as ideias correrem soltas ao piano, logo percebia que estava apenas ecoando peças alheias já existentes. Sente-se *cansado, desanimado, morto, vago, preocupado*, o que demonstra o intenso sofrimento mental que o acometia. Diante disso, Pestana não busca uma articulação entre o nacional e o estrangeiro, apenas reduz-se ao culto ao europeu.

Apesar do desejo de se equiparar aos clássicos, como Mozart e Beethoven, a inspiração e o sucesso apenas o acometem na composição das polcas populares, aclamadas pelo público e odiadas pelo próprio autor. Nas polcas, a inspiração o acomete e ele identifica sua vocação. No momento da composição, o sentimento de aversão às polcas até desaparece, dando lugar à originalidade e naturalidade do processo, retornando depois a melancolia e a infelicidade.

- As polcas que vão para o inferno fazer dançar o diabo, disse ele um dia, de madrugada, ao deitar-se.

Mas as polcas não quiseram ir tão fundo. Vinham à casa de Pestana, à própria sala dos retratos, irrompiam tão prontas, que ele não tinha mais que o tempo de as compor, imprimi-las depois, gostá-las alguns dias, aborrecê-las, e tornar às velhas fontes, donde lhe não manava nada. Nessa alternativa viveu até casar (Assis, 2007, p. 394).

Segundo Damásio (2018), a criatividade se alicerça no afeto. Tal colocação pode explicar por que Pestana tem tanta dificuldade em criar quando se trata de clássicos, visto que ele tem menos relações de afeto com compositores e música clássica. Já no que diz respeito às polcas populares, há uma relação direta com seu público, que o conhece e o admira, e com seu meio ambiente natural, no qual é notável a repercussão do seu sucesso.



Neste fragmento, é mencionado também o casamento de Pestana. Conforme já mencionado, os personagens secundários do conto aparecem para reforçar os dilemas de Pestana. Segundo Wisnik (2003), Sinhazinha Mota e Maria, sua esposa, representam esferas diferentes da música. Sinhazinha pode ser uma representação da “musa da polca”, visto que é fã das polcas e aparece no conto como mera admiradora de Pestana. Maria, por sua vez, que era cantora e tísica, foi recebido por Pestana como *a esposa espiritual do seu gênio*, e com ela Pestana pretendia engendrar uma *família de obras sérias, profundas, inspiradas e trabalhadas*. O seu próprio nome, que nos remete à mãe de Jesus e ao catolicismo, já contém um teor espiritual. Entretanto, Maria não trouxe a inspiração que ele tanto esperava e sua relação com as polcas e os clássicos se manteve a mesma.

O conto não nos dá nenhum indício dos sentimentos amorosos de Pestana perante Maria, apenas do que ela significava para as suas ambições musicais. Dessa forma, quando a esposa morre decorrente da doença de tísica, morrem também as esperanças de Pestana de se tornar um compositor célebre. A situação se arrasta de tal forma que Pestana publica polcas sob um pseudônimo para não ser reconhecido e, no auge de seu sofrimento mental, cogita tirar a própria vida.

Depois de um período de recesso de suas atividades, em que Pestana não compõe mais nada, seu editor propõe um contrato de 20 polcas em 12 meses, afirmando ser urgente devido à ascensão dos liberais ao poder. Dessa forma, o editor queria uma polca denominada *Bravos à Eleição Direta!*, afirmando não se tratar de política, mas sim de um *título de ocasião*. Para a ADE, dar nome corresponde à referenciação, processo dotado de extrema importância, afinal apenas se pode conhecer e falar sobre algo que é nomeado. Segundo o editor das polcas no conto, entretanto, o significado dos nomes não era importante, desde que fizessem sucesso. Para ele, os títulos deveriam apenas ser populares e atrativos aos olhos do público. Alude-se à cultura de massa e mais uma vez à contraposição entre popular e erudito: enquanto clássicos são eternos, polcas são de ocasião, facilmente esquecíveis.

Em 1885, um salto de 10 anos desde o começo do conto, Pestana encontra-se no ápice de sua fama pelas polcas. No que diz respeito ao processo de composição, entretanto, Pestana não é mais acometido pela empolgação tampouco pelo remorso. Todo o processo é caracterizado apenas



pelo fastio, demonstrando que a composição não mais desperta sentimentos intensos no protagonista. No que diz respeito ao seu renome, por sua vez:

A fama do Pestana dera-lhe definitivamente o primeiro lugar entre os compositores de polcas; mas o primeiro lugar da aldeia não contentava a este César, que continuava a preferir-lhe, não o segundo, mas o centésimo em Roma (Assis, 2007, p. 398).

A comparação de Pestana a César – líder romano com grandes feitos políticos e militares – é mais uma evidência das ideias de grandeza que ele tinha em relação aos clássicos europeus. Ter renome na composição de polcas o tornaria uma figura de destaque apenas na aldeia: pequeno, modesto e desimportante. Ter reconhecimento como compositor de clássicos, por sua vez, poderia conceder-lhe um lugar em Roma: grandioso, distinto e célebre.

No desfecho da história, Pestana encontra-se doente e amargurado. Seu editor, mais uma vez, pede a ele uma polca pela subida dos conservadores. Pestana, ironicamente, diz que, como se encontra à beira da morte, fará de imediato duas: uma pela subida dos conservadores, outra para quando subirem os liberais. O comentário de Pestana é notavelmente irônico, remetendo à ocasionalidade das polcas e à inconstância da política. Ele falece na madrugada seguinte, *bem com os homens e mal consigo mesmo*, do que é possível depreender que Pestana faleceu com um bom renome como compositor de polcas, mas insatisfeito com o seu insucesso como compositor clássico e sua tentativa de se assemelhar aos artistas que ele julgava como célebres.

Ao se sentir entre *a ambição e vocação*, Pestana está, na verdade, entre o estrangeiro e o nacional, o clássico e o popular, o original e a imitação. Nota-se, diante de todo o exposto, que a música tem destaque no conto, cujo tema central é o descompasso entre erudito e popular no Brasil. A discrepância entre o objetivo idealizado e o resultado obtido pelo protagonista evidencia a disparidade entre o lugar precário ocupado pela música clássica no Brasil e a onipresença da música popular. O sucesso público de Pestana contrasta com seu fracasso íntimo, e a sua incapacidade de compor “faz do compositor não só uma individualidade em crise, mas um índice gritante da cultura, um sinal da vida coletiva, um sintoma exemplar de processos que o conto põe em jogo” (Wisnik, 2003, p. 16). Como afirma Bosi ao se referir às obras de Machado, “não há mais heróis a cumprir



missões ou a afirmar a própria vontade; há apenas destinos, destinos sem grandeza” (Bosi, 1994, p. 180).

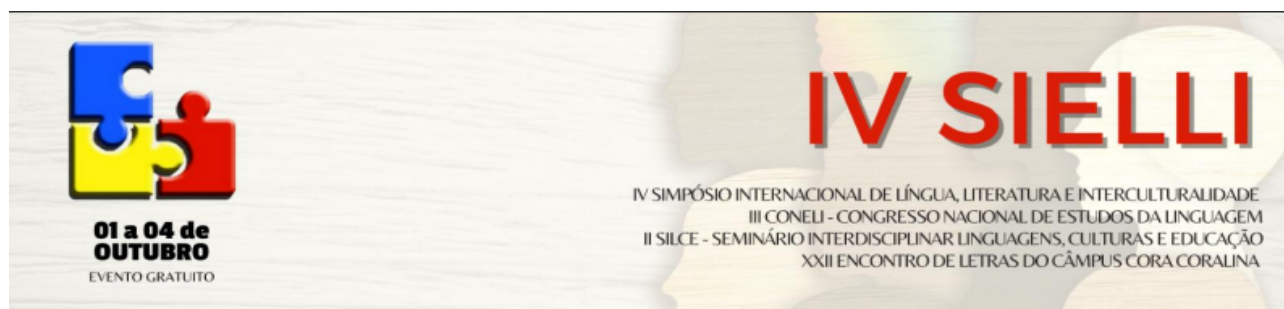
Retomando os elementos aqui abordados, tem-se que, no que diz respeito às interações entre personagens, todas elas apenas reforçam os contragostos de Pestana. Quando ele interage com Sinhazinha, com Maria ou com seu editor, apenas parece se lembrar do seu fracasso como compositor clássico. Todos os personagens do conto são, em última instância, uma espécie de alegoria da relação de Pestana consigo mesmo. Da mesma forma, os espaços também representam ou contrastam os seus sentimentos. Esteja ele na rua ou em sua casa, o seu infortúnio está sempre presente, ora em consonância com o ambiente, ora em oposição.

Conclui-se, com base em todo o exposto, que uma relação intercultural entre o nacional e o estrangeiro poderia promover um enriquecimento da música, com o surgimento de mais diversidade, de uma modalidade que incorporasse as características do popular e do clássico, o que seria benéfico para o ecossistema cultural do conto e para o bem estar do protagonista. Entretanto, não é isso o que acontece. Pestana fecha-se em seu mundo e não percebe as possibilidades de troca e intercâmbio que existem entre contextos diferentes. Tal postura rígida o leva a um extremo sofrimento e reclusão, na qual permanece até a sua morte. O conflito interno vivenciado por Pestana representa o processo de crise de toda uma nação. Não se trata de impor sua identidade sobre o outro ou recusá-lo, mas sim, por meio de uma relação com ele, transformar a própria identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado, a ADE é uma disciplina que se dedica ao estudo dos discursos partindo de uma visão ecológica de mundo e utilizando o conceito de ecossistema. A literatura – sendo ela, ao mesmo tempo, manifestação linguística e cultural – é um direito humano e também um terreno propício para explorar questões acerca da interculturalidade, favorecendo o respeito à diversidade e a manutenção das harmonias nas relações, conforme preconiza a ADE.

A relação entre cultura e língua e também o conceito de ecossistema cultural levam a novos caminhos para o estudo do texto literário. No contexto escolar, muitas vezes apenas o cânone é estudado, o conjunto de obras valorizadas por critérios estéticos e históricos e consideradas



representativas de uma cultura. A legitimidade do cânone não é aqui colocada em questionamento, mas é preciso ir além da leitura canônica, na qual normalmente tem-se apenas uma interpretação possível. É importante ressignificar essas interpretações para refletir as mudanças sociais e culturais, evitando leituras sacralizadas.

Ao partir do ecossistema para se analisar as interações ficcionais e os discursos que emergem delas, tem-se uma perspectiva diferente das leituras canônicas que normalmente são apresentadas no contexto escolar. É possível transformar a leitura de um texto literário em uma experiência de alteridade, em um encontro com o outro, com o diferente. Exemplifica-se isso com a análise do conto *Um homem célebre*, no qual o conflito do personagem Pestana é colocado em evidência.

Pestana vive um dilema que transcende o individual e reflete tensões culturais mais amplas. Ele se sente dividido entre ambição e vocação, o que, na verdade, representa o conflito entre o nacional e o estrangeiro, o popular e o erudito, o original e a imitação. A sua frustração com o sucesso de suas polcas e seu desejo frustrado de compor obras clássicas refletem o conflito existente entre a valorização do que vem de fora – neste caso, mais especificamente da Europa – e da realidade local.

A crise pessoal do personagem é também um índice da cultura brasileira do século XIX – e também do século atual, visto que se trata de uma narrativa atemporal –, inserida em um mundo onde o estrangeiro é visto como superior e digno de admiração. No nível da narrativa, uma relação intercultural entre o nacional e o estrangeiro poderia promover um enriquecimento da música, com o surgimento de mais diversidade e novas modalidades, o que seria benéfico para o bem estar mental do protagonista e o ecossistema cultural da sociedade.

No âmbito da educação como um todo, uma abordagem intercultural do texto literário, especialmente do cânone, pode levar a uma visão mais abrangente da literatura e da experiência de alteridade que ela pode proporcionar ao leitor. Ao se contemplar os aspectos culturais na leitura, promove-se o encontro com o diferente, a valorização da diversidade e a manutenção do equilíbrio no ecossistema, conforme preconiza a ADE.



REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **50 contos de Machado de Assis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura**: introdução à topoanálise. Franca: Ribeirão gráfica e editora, p. 139-159, 2007.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. Editora Cultrix, 1994.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In.: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**, v. 3, p. 235-263, 1995.
- CASAL, Isabel Iglesias. Construyendo la competencia intercultural: sobre creencias, conocimientos e destrezas. In: **Carabela n. 54** – La interculturalidad en la enseñanza de español como segunda lengua / lengua extranjera. Madrid: SGEL, p. 5-28, 2003.
- CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- COUTO, Elza Kioko Nakayama do. Ecolinguística – Um diálogo com Hildo Honório do Couto. **Coleção: Linguagem e Sociedade**, Vol. 4. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.
- COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca. **Análise do discurso ecossistêmica (ADE)**: teoria e prática. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Linguística / Universidade de Brasília, 2021.
- COUTO, Hildo Honório do. **Ecolinguística**: estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus Editora, 2007.
- COUTO, Hildo Honório do. Ecossistema cultural. In: **Ecolinguística**: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem, v. 04, n. 01, p. 12-26, 2018.
- COUTO, Hildo Honório do. Linguística Ecossistêmica. **Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem**, v. 01, n. 01, p. 47-81, 2015.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.



DAMÁSIO, António. **A estranha ordem das coisas**: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2018.

KRAMSCH, Claire. Cultura no ensino de língua estrangeira. **Bakhtiniana**: Revista de Estudos do Discurso, v. 12, p. 134-152, 2017.

PRIBERAM DICIONÁRIO. **Célebre**. Disponível em:
<https://dicionario.priberam.org/c%C3%A9lebre>. Acesso em: 30 set. 2024.

REIS, Roberto. Cânon. In: **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, p. 65-92, 1992.

RUIZ, Laura Verónica. **A abordagem intercultural**: um desafio na sala de aula. Análise de livros didáticos e reelaboração de atividades para aulas de PLE. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2017.

SILVA, Anderson Nowogrodzki da. O conceito de discurso sob a perspectiva da Análise do Discurso Ecológico. **BOLETIM DO GEPEL (Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Ecológica)**, n. 10, p. 16-21, 2022.

WEISSMANN, Lisette. Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. In: **Construção psicopedagógica**, v. 26, n. 27, p. 21-36, 2018.

WISNIK, José Miguel. Machado Maxixe: Ocaso Pestana. In: **Teresa**, n. 4-5, p. 13-79, 2003.